RELAÇÕES TÓXICAS E ADIÇÃO A PESSOAS NO CAMPO AMOROSO: CULTURA, SUBJETIVAÇÃO E VIOLÊNCIA NA ATUALIDADE¹

TOXIC RELATIONSHIPS AND ADDICTION TO PEOPLE IN THE LOVE FIELD: CULTURE, SUBJECTIVATION AND VIOLENCE IN TODAY

Paula Rodrigues de Oliveira²

RESUMO

Na cultura contemporânea, veloz e fragmentária, se multiplicam as formas de existir e conviver, e, conseqüentemente, as formas de amar. Algumas delas, apesar de idealizadas romanticamente como “amor”, estão mais próximas de adições e obsessões do que formas de abertura efetiva à alteridade. O estudo buscou compreender os impactos da cultura contemporânea sobre os processos de subjetivação, a partir das chamadas “relações tóxicas” e de “adição a pessoas” no campo amoroso enquanto um fenômeno típico da atualidade. Trata-se de um ensaio teórico associado a uma revisão integrativa da literatura de base psicanalítica, que examinou 8 artigos científicos da última década sobre o tema. O estudo dos artigos e a construção argumentativa do ensaio sustentam que as chamadas relações tóxicas se constituem como padrões de dependência e submissão, nos quais a subjetivação fica comprometida, dando lugar às experiências de vazio como fontes insuportáveis de angústia. O suposto “amor”, imaginário e idealizado, surge como expressão das exigências narcísicas resultando em violência e apagamento da alteridade.

Palavras-chave: Relações tóxicas. Amor. Cultura. Narcisismo. Psicanálise.

ABSTRACT

In contemporary, fast-paced and fragmented culture, ways of existing and coexisting are multiplying, and, consequently, ways of loving. Some of them, despite being romantically idealized as “love”, are closer to addictions and obsessions than forms of effective openness to otherness. The study sought to understand the impacts of contemporary culture on the processes of subjectivation, based on the so-called “toxic relationships” and “addiction to people” in the field of love as a typical phenomenon today. This is a theoretical essay associated with an integrative review of psychoanalytic-based literature, which examined 8 scientific articles from the last decade on the topic. The study of the articles and the argumentative construction of the essay support that so-called toxic relationships constitute patterns of dependence and submission, in which subjectivation is compromised, giving way to experiences of emptiness as unbearable sources of anguish. The supposed “love”, imaginary and idealized, appears as an expression of narcissistic demands resulting in violence and the erasure of otherness.

Keywords: Toxic relationships. Love. Culture. Narcissism. Psychoanalysis.

¹ Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação de Psicologia, desenvolvido no segundo semestre de 2024, sob orientação do Prof. Dr. Cleber Gibbon Ratto.

² Acadêmica do 10º período do Curso de Graduação de Psicologia da Universidade La Salle - UNILASALLE. Contato eletrônico: olivvpaula@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Em um mundo de ritmo acelerado e de fragmentação social como na atualidade, as relações sociais não fogem à regra. Novas formas de se relacionar são rapidamente produzidas e atualmente é comum vermos padrões de relacionamento amoroso que vêm sendo chamados de “relações tóxicas”, por vezes referidas assim erroneamente, visto que essas relações normalmente dizem respeito a relacionamentos abusivos e violentos. Esse fenômeno pode ser observado em séries e filmes que normalmente ganham grande audiência, como a famosa série “Bebê Rena”³, por exemplo, que ganhou ainda mais notoriedade devido ao fato de que a sucessão de eventos da série realmente ocorreu com o criador e ator do seriado.

Mas na vida real também as encontramos, seja na mídia ou em redes sociais, em formato de notícias ou mesmo em “tweets” que romantizam comportamentos abusivos em relações amorosas, tornando-as nocivas, como se essas formas de funcionamento fossem “provas de amor”. Cria-se uma crença de que o único amor possível e verdadeiro é aquele que, de um lado, é obsessivo e prende; de outro, é submisso e quer ser preso, caso contrário “não há amor nenhum”, como se a obsessão do outro fosse uma forma do indivíduo submisso sentir-se desejado e do indivíduo obsessivo garantir que o outro será apenas e somente dele, reafirmando seu narcisismo. Sendo assim, é possível notar o quão atual é este tema, uma vez que está presente em diversas esferas de nossas vidas.

Ao mesmo tempo em que estas dinâmicas estão tão presentes em nosso cotidiano, quando ocorrem com os homens as pessoas parecem não levar a sério, como pode ser visto na série *Bebê Rena*, já referida, e em diversos casos que podem ser observados na sociedade, como a normalização de comportamentos abusivos praticados por mulheres, demonstrando um reflexo da sociedade em que vivemos, onde homens seriam “incapazes” de sofrer abusos praticados por mulheres, crença essa que vem desde os tempos antigos e se perpetua até os

³ *Bebê Rena* é uma série de drama baseada em acontecimentos reais que estreou na Netflix em 2024, tornando-se muito conhecida e comentada. Conta a história de Marta, uma mulher misteriosa e instável que rapidamente se apegua a um comediante, criando a ideia em sua cabeça de que os dois estavam em algum tipo de relacionamento. Marta é uma *stalker* convicta e passa a perseguir o protagonista e sua família.

atuais, de que os homens deveriam demonstrar um certo tipo específico de masculinidade, onde “não choram”, não sentem e, conseqüentemente, não falam sobre sua condição afetiva. Esses comportamentos não se restringem a agressões físicas, mas também a abusos psicológicos e restrições impostas na relação. Muitas vezes esses funcionamentos nas relações não são nem mesmo considerados abusivos por aqueles que delas participam, mas, isso sim, vistos como formas de “proteção” ou “demonstrações de amor”, tanto em relação às mulheres quanto aos homens. Por vezes, é necessário um olhar de fora para notar as dinâmicas abusivas, chamadas “tóxicas”, relações de dependência e submissão, ocorridas nesses relacionamentos que são tão romantizados e frequentes na contemporaneidade.

Mas por que este tipo de comportamento tem aumentado tanto nos últimos tempos? A aceleração e a fragmentação das relações sociais na contemporaneidade tornam os laços cada vez mais frágeis, em diferentes âmbitos (de amizade, de família, comunitários etc.), uma vez que estão todos ocupados com suas próprias vidas, também corridas, tornando os parceiros não apenas cônjuges, mas também, por vezes, os únicos amigos e laços da pessoa, que começa a dedicar-se exclusivamente àquele relacionamento romântico, por vezes de maneira nociva, mesmo sem a clara consciência disso. (Bauman, 2004)

Tomadas pela angústia de enfrentar um mal-estar frequentemente nomeado como “vazio”, tais pessoas parecem eleger seus parceiros como suportes para “preencher” algo que lhes faltaria e que, ao ser preenchido, supostamente as livraria da angústia dilacerante que sentem. Entretanto, esse “vazio” – nome dado à angústia que sentem – nunca é realmente preenchido, uma vez que o mal-estar da vida em sociedade é estrutural e incontornável (Freud [1930], 2020). Suportar esse “vazio” é crucial para vivermos em sociedade e construirmos uma vida psíquica que leve em conta a existência do Outro. Quando não aguentamos esse vazio, fonte de angústia, procuramos algo imaginário para supri-lo, o que pode se tornar patológico e até mesmo perigoso, como pode ser notado nas diversas notícias sobre crimes cometidos “por amor” e ciúmes, vide os casos alarmantes de feminicídio. Este tipo de dinâmica causa sofrimento não somente àquele que é vítima do funcionamento obsessivo, mas também ao indivíduo que promove essa dinâmica narcísica na qual o outro é tomado apenas como um complemento do “si mesmo”.

Exemplos atuais de violência extrema associada às “relações amorosas” são fartos entre as notícias país afora. De acordo com o site do jornal Record, por exemplo, em outubro de 2024, em Jaú, no interior de São Paulo, uma jovem de 21 anos foi encontrada morta. O motivo do crime, segundo as investigações, seria o ciúme causado por um triângulo amoroso entre vítima e autores.⁴ Conforme o portal G1, no ano de 2017, um homem matou a esposa e feriu oito pessoas por não aceitar o término da relação.⁵ Outro exemplo, encontramos no Diário Carioca, em Londrina, no interior do Paraná, uma mulher foi presa por assassinar seu companheiro após desconfiar de uma traição.⁶ Talvez o caso mais conhecido seja o de Eloá que, em outubro de 2008 foi mantida em cárcere privado pelo ex-namorado que não aceitava o término do relacionamento e acabou matando a mulher.⁷ Esses são apenas alguns de incontáveis exemplos de feminicídio e crimes “passionais”, ou seja, movidos por fortes emoções, a maioria deles relacionados a ciúmes ou “razões amorosas”, que ocorrem diariamente no Brasil.

Levando em conta tal fenômeno, seus impactos psicossociais e sua relevante discussão no mundo atual, definiu-se como problema de pesquisa deste trabalho a seguinte questão: Quais características típicas da cultura contemporânea estariam associadas ao fenômeno das chamadas “relações tóxicas” e de “adição a pessoas” no campo amoroso, e qual seu impacto sobre os processos de subjetivação?

O estudo teve como objetivo geral, compreender os impactos da cultura contemporânea sobre os processos de subjetivação, a partir das chamadas “relações tóxicas” e de “adição à pessoas” no campo amoroso enquanto um fenômeno típico da atualidade. Enquanto objetivos específicos foram delimitados os que seguem: a) explorar aspectos típicos da cultura atual que interferem sobre as formas de subjetivação neste campo; b) estudar os modos de relacionamento contemporâneos, produzindo novas formas de relações que sejam menos nocivas;

⁴ FONTE: <https://record.r7.com/cidade-alerta/video/triangulo-amoroso-e-morte-policia-busca-tres-suspeito-de-carbonizarem-jovem-por-ciumes-16102024/>

⁵ FONTE: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/por-ciumes-homem-mata-esposa-com-facao-e-feriu-oito-pessoas-no-am-diz-familia.ghtml>

⁶ FONTE: <https://www.diariocarioca.com/brasil/video-desconfiada-de-traicao-mulher-mata-ex-marido-com-facada-no-peito><https://www.diariocarioca.com/brasil/video-desconfiada-de-traicao-mulher-mata-ex-marido-com-facada-no-peito>

⁷ FONTE: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/caso-elo/ noticia/caso-elo.ghtml>

c) identificar as interferências e impactos levantados anteriormente na constituição das chamadas “relações tóxicas” e de “adição à pessoas”; d) inventariar na produção acadêmica recente trabalhos que estudam a problemática numa perspectiva psicanalítica e cultural, e, por fim; e) discutir a problemática levantada, com vistas a fomentar outras perspectivas de laço social, mais vitais e criativas.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

A metodologia adotada neste trabalho envolve um ensaio teórico associado a uma revisão integrativa. Segundo Adorno (2003, p. 15-45) “a lei formal mais profunda do ensaio é a heresia. Apenas a infração à ortodoxia do pensamento torna visível, na coisa, aquilo que a finalidade objetiva da ortodoxia procurava, secretamente, manter invisível”. O ensaio teórico foi escolhido devido ao fato de ser uma escrita acadêmica menos protocolar, que permite ao pesquisador colocar suas ideias de forma mais fluida e autoral e, portanto, “dar seu toque” ao trabalho.

De acordo com Kunsch e Carraro (2016, p. 33-42) “o que ordinariamente há de mais atual e relevante nos debates teóricos e epistemológicos de uma área de conhecimento [...] não atrai [...] Acaba por provocar estranhamentos de diferentes ordens e em diferentes graus”. Ou seja, textos acadêmicos, sejam eles artigos, teses ou dissertações são, frequentemente, protocolares e enfadonhos. Diferentemente de outros textos acadêmicos, o ensaio teórico tem um teor mais livre, menos “tedioso”, mais fluido e pessoal. Mas, além disso, o ensaio é uma escolha que atende a um certo modo de pensar e fazer pesquisa, na contramão da tradição cartesiana e positivista que defende fragmentar o objeto de estudo para conhecê-lo a partir das partes, do mais simples ao mais complexo. O ensaio, assim como a Psicanálise, parte justamente dessa experiência de contato com a complexidade de um fenômeno, sem partir de sua redução ou submissão a uma racionalidade instrumental explicativa.

Conforme Noyama (2009, p.3)

Fragmentar o objeto no maior número de partes possíveis para reduzir sua complexidade e facilitar a compreensão do todo, proposta da segunda regra cartesiana, definitivamente não faz parte do método ensaístico, posto que o ensaio se faz justamente na contramão desse movimento. Porém, a composição do ensaio não se restringe simplesmente a reduzir o objeto em um corpo único, como se o todo pudesse ser unificado através de um

método que decepa suas partes. A procura pela totalidade no ensaio reside na contradição entre parte e todo; e na impossibilidade de se seguir um método amarrado num único princípio, e tampouco encerrado numa finalidade única. A insinuação de não acabamento do ensaio é o movimento que perpetua o seu vôo ao infinito.

Como recurso complementar ao ensaio e para atender ao objetivo de inventariar na produção recente alguns trabalhos que estudam a problemática das relações tóxicas numa perspectiva psicanalítica e cultural, lançamos mão também de uma pequena revisão integrativa de artigos científicos que se ocuparam do tema. Segundo Souza, Silva, Carvalho (2010, p.102) a revisão integrativa “emerge como uma metodologia que proporciona a síntese do conhecimento e a incorporação da aplicabilidade de resultados de estudos significativos na prática”.

Para a revisão integrativa foi eleito como buscador o Google Acadêmico, e foram adotados os seguintes descritores: “*relações tóxicas*”, *psicanálise*, *cultura* e *amor*, considerando o período de 2014 a 2024 e apenas os textos em língua portuguesa. Inicialmente foram levantados 13 títulos. Feita a leitura dos títulos e selecionados apenas artigos científicos diretamente relacionados ao tema, restaram 10 textos para leitura dos resumos e identificação da pertinência ou não ao objetivo deste trabalho. Após a leitura dos resumos, optamos por incluir para estudo na íntegra 8 artigos que tocam diretamente o tema tratado nesta pesquisa, e na perspectiva teórica que optamos por adotar.

Os 8 artigos selecionados foram lidos e estudados na íntegra, servindo como marco de referência para o diálogo teórico com o tema central da pesquisa, além de dar pistas do modo como o tema veio sendo abordado na última década numa perspectiva psicanalítica. Cada um dos artigos foi apresentado sinteticamente na seção 3 deste trabalho e, na sequência, foi desenvolvido o ensaio teórico propriamente dito, considerando os objetivos já aqui elencados.

3 EXPLORAÇÃO DO MATERIAL

Para realizar a exploração do material inventariado, apresento a seguir, um quadro com os 8 artigos selecionados para a revisão integrativa, dando uma perspectiva visual clara e compreensível do ano de publicação, autor, título e periódico no qual foi publicado. Na sequência, cada artigo será comentado, com

destaque para o objetivo da pesquisa a que ele se refere, a metodologia adotada e os principais resultados a que chegou.

Quadro 1 – Artigos selecionados

Ano	Autor	Título	Periódico
2014	FONSECA, M.	<i>União e destruição: duas faces do amor</i>	Reverso
2018	NIGRO, I.; BARACAT, J.	<i>Masculinidade: Preciosa como diamante, frágil como cristal</i>	Revista Científica Eletrônica de Psicologia
2019	FERREIRA, F.; DE OLIVEIRA, C.	<i>O movimento feminista e a crise da masculinidade: Reflexões a partir da Psicologia Política</i>	Cadernos de Psicologia
2019	SANTOS, A.; SANCHOTENE, N.; VAZ, P.	<i>A invenção do relacionamento abusivo: Sofrimento e sentido nas relações amorosas ontem e hoje</i>	Revista Eletrônica do Programa de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero
2022	MARTINS, V.H.S. et al.	<i>Relações abusivas e a romantização literária</i>	Caderno de Graduação-Ciências Humanas e Sociais-UNIT-ALAGOAS
2022	ALVES, F.; DO ROSÁRIO CAMPISTA, V.	<i>A posição feminina nas relações amorosas abusivas</i>	Revista científica da FASAP
2023	RODRIGUES, C.; BONI JR., J.	<i>Relacionamentos ab-usivos</i>	Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental
2023	MAGALHÃES, B.; ZANELLO, V.; FERREIRA, I.	<i>Afetos e emocionalidades em mulheres que sofreram violência por parceiro íntimo</i>	Revista Psicologia: Teoria e Prática

Fonte: a autora, 2024.

No artigo *União e destruição: duas faces do amor*, de Fonseca (2014), através da abordagem psicanalítica, a autora tem como objetivo analisar o comportamento dos sujeitos que destroem seus objetos de desejo/amor, uma vez que isto é tão comum na contemporaneidade. “Vivemos em tempos de liberação e aceitação social do exercício da sexualidade, e nem por isso a relação entre os pares se tornou mais fácil e o prognóstico menos sombrio” (Fonseca, 2012, p.64). As

relações e experiências de infância influenciam em nossos modos de amar e de sermos amados, esta é uma importante descoberta de Freud. O artigo leva em conta dois operadores: o narcisismo e a relação de objetos, podendo haver outros. Para Lacan “o amor é um tratamento do gozo, uma forma de amansar a pulsão de morte.” (Fonseca, 2012, p.64). Portanto, pode-se entender o amor como uma pulsão de vida que “acalma” a pulsão de morte. Pode-se depreender do estudo, que na contemporaneidade o “amor”, não pautado nas relações de objeto e sim no narcisismo, estaria sendo confundido com relações de “gozo” onde o que predomina é o imperativo de descarga pulsional, marca das práticas compulsivas onde o Outro é apagado em favor de uma afirmação narcísica desmedida.

No texto *Masculinidade: Preciosa como diamante, frágil como cristal*, Nigro e Baracat (2018) tiveram como objetivo investigar o conceito de masculinidade, visto que esta é uma construção social que perpetua até os dias atuais, considerando a contribuição do movimento feminista na formação de uma nova forma de masculinidade. Para isso, foi feita uma revisão da literatura onde pôde-se observar a construção histórica do que se tornou o ideal masculino. Segundo os autores: “ao analisarmos a história, nos deparamos com o fato irrefutável de que tais comportamentos foram, na realidade, aprendidos e moldados de acordo com o contexto sociocultural existente em cada período” (Nigro e Baracat, 2018, p.4).

Desde os primórdios há uma idealização da masculinidade, uma construção social que impõe um ideal masculino que “deve” ser seguido pelos homens para que eles sejam “homens de verdade”, ou seja, devem prover, não podem chorar, não podem demonstrar sentimentos ou fragilidades como as mulheres supostamente demonstram, ou são desconsiderados como homens, acarretando em homens que acumulam e escondem seus sentimentos, nunca falando sobre eles e conseqüentemente escondendo-os até mesmo de si próprios. Muitas vezes isso está associado a explosões de raiva, culpa e diversos outros sentimentos, pois estes não são elaborados pela fala, ou, por outro lado, podem ser descarregados de outras formas, muitas vezes nocivas, como com agressões e/ou práticas compulsivas. Esse ideal masculino, que se perpetua, mesmo que de menor forma, até hoje, vem desde o período medieval, onde coragem, bravura e perseverança, além de, claro, violência, eram características da masculinidade. Segundo Nigro e Baracat (2018, p.7):

O impacto desse comportamento medieval em defesa da honra pode ser verificado na atualidade através do que podemos chamar de masculinidade tóxica, na qual são incentivados (e até justificados) comportamentos violentos, repressão de sentimentos afetivos (que são vistos como fraqueza, “coisa de mulherzinha”, de “bicha”).

Homens só são homens, perante a sociedade, se agirem como tais. Mas o que é ser um homem hoje em dia? Os tempos mudaram e as configurações sociais também. Muitos homens procuram, por exemplo, psicoterapia, algo que antes era visto como estritamente feminino, uma vez que se trata de uma prática onde falam de suas fragilidades, medos e anseios, em suma, de seus sentimentos. Mas nem tudo são flores, ainda hoje muitos homens seguem um conceito de masculinidade arcaico – ou não tão arcaico assim – visto que é muito presente na contemporaneidade e marca diretamente as relações “amorosas”. Desde os brinquedos considerados masculinos (armas, bonecos com armaduras, HQs de super-heróis destemidos) até as falas como “engole o choro” ou “homem não chora” moldam, desde a infância, a maneira como esse então menino verá a masculinidade e moldam, conseqüentemente, o homem que ele se tornará. De acordo com Nigro e Baracat (2018, p.8):

Ao analisarmos a relação entre masculinidade e militarismo, podemos entender que o militarismo conservou alguns dos ideais medievais, como a bravura, e acrescentou um novo elemento: o auto sacrifício em prol dos ideais do estado. O pensamento era: “antes morrer de forma honrada e digna a estar fadado a uma existência insignificante”.

Já no estudo *O movimento feminista e a crise da masculinidade: Reflexões a partir da Psicologia Política*, de Ferreira e Oliveira (2019), a Psicologia Política é utilizada como fundamentação teórica para uma investigação cujo objetivo era propor uma reflexão sobre a construção histórica social da masculinidade, relacionando-a com as contribuições dos movimentos feministas, assim entendendo seus impactos nos novos padrões de masculinidade. De modo semelhante à pesquisa comentada anteriormente, esse artigo traz a ideia do padrão de masculinidade que foi construído desde os primórdios. Na sociedade há um ideal de masculinidade, assim como um ideal de feminilidade que “devem” ser seguidos: o homem deve prover, dominar e nunca demonstrar sentimentos; a mulher deve servir,

cuidar e teria, supostamente, mais facilidade com os afetos. Porém, essas são construções sociais que a maioria das pessoas seguem sem questionar. As concepções de homem e mulher que temos na atualidade são frutos do tempo, do processo sócio-histórico-cultural que interfere diretamente nos modos de subjetivação, não necessariamente regras absolutas, mas algo que as pessoas seguem cegamente muitas vezes sem nem perceberem: o homem que não chora, a mulher que é recatada, por exemplo. O conceito de feminino e masculino, na verdade, é uma invenção social cristalizada e que responde aos arranjos políticos e sociais que determinam posições e “exigem” performances específicas. À medida que os movimentos feministas foram crescendo e colocando mulheres em papéis de liderança, os ideais masculinos começaram a ser questionados.

Nesse sentido, o estudo reposiciona a chamada “crise das masculinidades”, apontando a força produtiva dessa “crise”, na medida em que exige uma transformação dos modelos cristalizados e abre possibilidade para uma reinvenção das subjetividades. Como apontam os próprios autores:

Com o movimento feminista, o modelo de masculinidade passa a ser questionado, e por ver tais valores tão enraizados sendo questionados, os homens começam a se sentir desamparados. Sendo assim, a dita “crise” da masculinidade, na verdade, é uma crise de identidade vivenciada pelo homem contemporâneo. Tornando quase que inevitável um rearranjo dos padrões de masculino, colocando à prova a figura do machão, que por muito tempo foi tida como a única possível. (Ferreira e Oliveira, 2019, p.597)

De modo muito pertinente aos interesses da minha pesquisa, o artigo *A invenção do relacionamento abusivo: Sofrimento e sentido nas relações amorosas ontem e hoje*, de Santos, Sanchotene e Vaz (2019) a partir da análise de testemunhos de vítimas de relacionamentos abusivos procura refletir sobre um novo cenário: a igualdade entre parceiros e o surgimento de uma narrativa terapêutica como forma de dar sentido aos sofrimentos. Segundo Santos, Sanchotene e Vaz (2019, p.124):

De antemão, partimos do princípio metodológico de que as experiências de alguém dependem, ao menos parcialmente, dos sentidos e descrições que este indivíduo atribui a elas. Toda experiência é mediada pelos discursos disponíveis em uma cultura e pelas normas e valores imbuídos nela.

Esses sentidos e descrições derivam tanto da cultura na qual o indivíduo está inserido quanto do contexto histórico e das experiências que o indivíduo teve durante sua vida, especialmente na infância. A violência contra a mulher é um assunto extremamente atual, especialmente a violência psicológica, sendo essa uma das mais comuns e que, normalmente, precede violência verbal e física. Os abusos, sejam verbais, psicológicos ou físicos, normalmente ocorrem dentro de uma relação, onde há (ou pressupõe-se haver) intimidade entre as partes envolvidas no relacionamento. Um dos possíveis motivos para essas pautas estarem em alta são as mudanças nas configurações das relações amorosas. Agora há uma procura por igualdade entre os parceiros ao invés de um papel social restrito a cada um. A mulher não seria mais apenas aquela que é submissa e o homem não necessariamente teria o dever de apenas prover. Há uma troca de afazeres domésticos e mesmo psicológicos, onde um cuida do outro, em tese.

Segundo o estudo apresentado, em 1980 Eduardo Mascarenha⁸ popularizou no Brasil a linguagem da psicanálise ao participar de programas de televisão, dentre eles, o TV Mulher, da Rede Globo. As cartas recebidas eram escritas, em sua grande maioria, por mulheres que compartilhavam suas angústias. Segundo Santos, Sanchotene e Vaz (2019, p.125):

Essas angústias derivam do fato de que naquele momento as mulheres buscavam atender demandas antagônicas: de um lado, permaneciam certos ideais conservadores relacionados à família e à sexualidade; de outro, o discurso da liberação sexual ganhava força na classe média brasileira.

O ideal de feminilidade e masculinidade ainda tinha muita força naquele tempo, ainda mais do que hoje, causando angústias às mulheres que escreviam em busca de algum apoio, pois elas também tinham e têm desejos, desejos estes que “deveriam” permanecer escondidos ou nem existirem, de maneira alguma. De acordo com os autores: “A obrigação de reprimir seus desejos e de manter imaculada certa imagem de pureza, resguardo e honra, resultava nas mulheres um profundo sofrimento.” (Santos, Sanchotene e Vaz, 2019, p.126) Como em uma relação ambígua consigo mesmas, elas tinham de escolher entre ser quem eram e

⁸ “Em 1986, o psicanalista Eduardo Mascarenhas publicava o livro *A Costela de Adão: cartas a um psicanalista*, uma coletânea de correspondências recebidas pelo autor durante o período no qual manteve colunas em diversos periódicos, como os jornais *Última Hora* e *O Dia* e as revistas *Cláudia* e *Contigo*.” (Santos, Sanchotene e Vaz, 2019, p.125)

sentir livremente o que sentiam, assim sendo julgadas pela sociedade, ou acatar as demandas da sociedade e viver como alguém que não queriam, não tinham vontade de ser. Outro tema chama atenção nas cartas: um relacionamento com o qual não estão satisfeitas e ao mesmo tempo, um medo da separação. Nota-se, novamente, um conflito interno onde os desejos são dicotômicos.

Em síntese, com a análise dos discursos daquela década, os pesquisadores mostram como estão sendo produzidas certas subjetividades que reafirmam os estereótipos de gênero no campo amoroso, e permitindo pensar como isso incidirá sobre laços onde o outro é apagado em sua singularidade, já que está pressuposto a uma forma de ser previamente determinada socialmente. Concluem os autores:

Estes discursos produzem uma dualidade do tipo algoz e vítima como maneira de interpretar as relações amorosas no contemporâneo – e a mulher, necessariamente, está na posição de passividade e vulnerabilidade. Portanto, um dos aspectos problemáticos dessas narrativas é o modo como elas constroem os desejos masculino e feminino. Na descrição das relações amorosas em que ocorre violência, tipicamente, “os homens humilham e agredem, as mulheres têm medo, vergonha e se sentem culpadas. Os homens agem, as mulheres sentem” (GREGORI, 1993, p. 145). E, se para fazer um debate político democrático, “é preciso haver algum tipo de vínculo em comum entre as partes em conflito, para que elas não tratem seus oponentes como inimigos que devem ser erradicados” (MOUFFE, 2015, p. 18), esses relatos parecem levar à supressão do outro por conta de sua imoralidade. Desse modo, tornar o campo da experiência amorosa como palco de uma luta unilateral entre vítimas e agressores leva a uma moralização do íntimo e do privado e a uma aproximação à retórica punitivista. (Santos, Sanchoatene e Vaz, 2019, p.133)

Através de uma revisão bibliográfica, o artigo *Relações abusivas e a romantização literária*, de Martins et al., (2022) teve como objetivo analisar a romantização dos relacionamentos abusivos nas obras literárias e a problemática da repetição, baseando-se nos conceitos da Psicanálise, em especial nos autores clássicos Freud e Lacan. O estudo busca analisar a romantização dos relacionamentos abusivos com base em três fenômenos literários: a trilogia de E.L. James “Cinquenta Tons”, a saga de Anna Todd “After” e “365 dias” da autora Blanka Lipińska. As obras analisadas narram relacionamentos abusivos normatizados, com conteúdo de humilhação e subjugação sofrida pelas mulheres.

Os romances apresentados na literatura normalmente vêm carregados de dramas, que incluem abusos psicológicos e até mesmo físicos, mesmo que no final da trama os indivíduos envolvidos continuem juntos. Considerando esses fatos,

podemos dizer que há uma certa romantização de relacionamentos abusivos neste contexto, como se uma relação abusiva tivesse conserto ou mesmo como se ela fosse da “natureza” do amor (romântico). Segundo Martins et al. (2022, p.104):

Na literatura existe a falsa utopia da regeneração da postura ou modo de se relacionar masculino, no qual o homem muda suas atitudes em prol do seu relacionamento. Todavia, esta utopia resulta em um ciclo abusivo, apresentando-se, assim, com drásticas consequências.

Isso se relaciona à ideia feminina de que, mesmo que o parceiro não seja o ideal, basta ter um parceiro para “torná-lo” ideal, além da noção de que devemos aceitar a todos como são, mesmo suas características ruins, o que pode acarretar mulheres que ignoram os sinais de um relacionamento abusivo, achando que o parceiro “é assim mesmo”, ou que é “o jeito dele”, ou ainda “com o tempo vai mudar”. Apostando na força da desconstrução desses estereótipos consagrados pelo amor romântico ou sua versão “dramática”, os atores concluem que:

Com base nos aspectos do objeto causa de desejo e a repetição inconsciente de estereótipos anteriormente vivenciados, essa normatização se torna demasiadamente perigosa. Fazendo dessa discussão mais que necessária, pois a sociedade deve se desprender de uma cultura criada para alienar a mulher mediante as situações submissas, além de atribuir-lhe a responsabilidade de mudar a figura masculina, responsabilizando-a em permanecer no relacionamento que lhe causa sofrimento. Os escritores contemporâneos se tornaram uma arma de propagação dessa romantização absurda, que não se permanece somente imortalizada nas páginas de um livro, mas sim, no imaginário de milhares de leitores, influenciando de forma consciente ou até inconsciente em suas atitudes, resultando com que este tipo de violência que, por sua vez, é a que mais mata mulheres no mundo, seja tido como algo belo, nobre e desejado.

O artigo *A posição feminina nas relações amorosas abusivas*, de Alves e Do Rosário Campista (2022) teve como objetivo mostrar a importância do processo analítico como mecanismo importante que possibilita reflexão acerca da posição feminina de assujeitamento às relações abusivas, visando mudanças e reposicionamentos por parte das mulheres, além de aprofundar o conhecimento sobre as relações amorosas abusivas, utilizando de uma discussão teórica baseada nos conceitos da psicanálise.

Nota-se que muitos relacionamentos heteronormativos são permeados por violência, onde usualmente o homem assume a postura de dominante e a mulher de

aceitação/submissão e passividade, passando por diversas situações de abuso, seja ele físico, psicológico ou verbal, geralmente passando pelos três tipos, resultando em sofrimento e, muitas vezes, em morte. Tais dinâmicas de relacionamento normalmente se dão em três fases: no primeiro momento, gritos e ameaças verbais, no segundo, demonstrações de força e raiva e, num terceiro tempo, o arrependimento, mas este logo dá lugar novamente à primeira fase, tornando-se um ciclo vicioso de onde a mulher dificilmente consegue escapar. Segundo Alves e Do Rosário Campista (2022, p.25):

é possível estabelecer uma associação entre as relações abusivas e o uso de violência, visto que esta, pode acontecer de diversas maneiras, tendo consequências complexas sobre os sujeitos envolvidos, principalmente a mulher, tendo em vista as especificidades que constituem seu funcionamento psíquico e subjetivo.

As ações abusivas podem ser tão graves que chegam a desestruturar psicologicamente as pessoas envolvidas, no caso deste artigo as mulheres, resultando em fragilidades e dificuldades de rompimento do relacionamento. Nada disso é por acaso, pois a construção do que é ser um “homem” ou o que é ser uma “mulher” vai além do biológico e fisiológico, passando também e, principalmente, pelo social que subjetiva e institui uma concepção do feminino marcada pela despotencialização “histórica”, que clama pela presença de um Outro imaginário que lhe viria “completar”.

Assim, concluem Alves e Do Rosário Campista (2022, p.38):

Através das contribuições da Psicanálise, compreende-se que a desconstrução da posição de vítima torna-se muito importante para que a mulher se sinta convocada a tomar parte da situação abusiva vivenciada. Desse modo, possa rever-se como ser ativo, constituído por desejos e capaz de se reposicionar diante da vida, assumindo o protagonismo da mesma, abrindo-se a novas possibilidades e experiências, reposicionando-se sempre que sentir necessário, assim, reafirma-se que a análise contribui na convocação, dando lugar de voz ao sujeito, contrariando o silenciamento que a sociedade e as leis produzem.

Foi a partir de conceitos da psicanálise, principalmente de Freud e Lacan, o artigo *Relacionamentos ab-usivos*, de Rodrigues e Boni Jr. (2023) teve como objetivo entender os motivos que fazem as vítimas de relacionamentos abusivos continuarem nessa condição e agirem de forma passiva, mesmo com tanto

sofrimento envolvido. Questionam-se por que alguns sujeitos permanecem ou mesmo repetem com diferentes parceiros relações com ditas abusivas pelo discurso jurídico, relações essas marcadas por violência psicológica e, muitas vezes, física? E quais seriam os possíveis efeitos de um processo analítico nesses casos?

De acordo com Rodrigues e Boni Jr (2023, p.18):

constata-se que toda relação sujeito-objeto comporta algo de ab-usivo, já que nos relacionamos e nos direcionamos ao objeto e ao Outro, sempre na busca de uma satisfação, ainda que inconsciente e que é alcançada parcialmente, pois o objeto, por estrutura, já é um objeto perdido. É essa característica do insensato do desejo que nos permite compreender a permanência dos sujeitos em tais relações. Tal permanência traz notícias de um gozo, uma satisfação, mesmo que permeada por sofrimento psíquico.

Nesse sentido, é necessário separar-se do Outro para nos tornarmos nós mesmos, mesmo que dentro de uma relação. Uma relação não deve nos completar, mas agregar a algo que já temos e somos, pois já estamos (ou deveríamos estar) existindo por nós mesmos. Os autores mostram como algo da alienação ao desejo do Outro sempre estará presente, em qualquer laço humano, mas também o quanto podemos driblar tal condição, fomentando algo de singular em nosso modo de existir com o Outro, o que seria a condição criativa dentro de um relacionamento.

As chances de violência e abuso num enlace amoroso seriam tanto maiores quanto menor a nossa condição de suportar o desamparo de ser “não-todo”, o que implica diminuir as fantasias românticas de completude e complementaridade, enfrentando criativamente a solidão do “um”, expressão da nossa singularidade desejante no mundo. Para isso serviria também a escuta analítica. Conforme Rodrigues e Boni Jr. (2023, p.19):

É nessa redução que a escuta analítica pode surtir efeitos, possibilitando que um indivíduo que chega na condição de vítima, e frequentemente de devastação, sustente algo do “um”, e que tendo notícias de seu modo de gozo, fique menos assujeitado a ele, à medida que suporta mais essa solidão do “um”, permitindo assim a possibilidade de sustentação de seu desejo. Ênfase: menos assujeitado, porque somos assujeitados por estrutura, considerando que inseridos na linguagem, fazemos uso dela, e nela nos alienamos e nos assujeitamos, mas também é partindo dela que nos constituímos como sujeitos. Dela fazemos uso, e nela somos todos ab-“usados”.

Por fim, a partir de um estudo de múltiplos casos por meio de entrevistas com cinco mulheres, o artigo *Afetos e emocionalidades em mulheres que sofreram violência por parceiro íntimo*, de Magalhães, Zanello e Ferreira (2023), teve como objetivo explorar os sentimentos, afetos e emoções vivenciados por mulheres que sofreram violência física em relacionamentos amorosos. Segundo eles:

Em todos os casos, identificou-se o funcionamento do dispositivo amoroso na configuração de uma satisfação narcísica decorrente do “ser escolhida” que, enquanto fundamental chancela identitária das mulheres em nossa cultura, permeou profundamente todos os relacionamentos, seja na entrada, na manutenção ou na dificuldade em elaborar seu fim. (Magalhães, Zanello e Ferreira, 2023, p.7)

Sentir-se de algum modo especial, importante ou insubstituível apareceu como ponto comum às falas de todas as entrevistadas e o efeito disso mostra-se no centro da entrada e da dificuldade de sair das relações violentas, segundo a pesquisa. São as fragilidades narcísicas dessas mulheres que as levam a permanecer em laços imaginários que prometem restituir a elas uma imagem de completude, mesmo às custas da violência e do preço de “deixar de ser”. Novamente é necessário um olhar aprofundado para as relações e experiências de infância dessas mulheres, visto que há um medo profundo de abandono e uma necessidade de ser “a escolhida”, uma carência de atenção e afeto, mesmo que este venha criminosamente sob a forma de violência e silenciamento.

O estudo mostra através da análise cuidadosa das histórias e discursos das participantes, como a perpetuação das formas de violência nos relacionamentos ditos amorosos encontra sustentação em uma estrutura sociocultural que idealiza o amor romântico. Como construção cultural que atravessou a modernidade e ainda marca as formas de vinculação na contemporaneidade, seria um amor que tudo justifica, suporta e atravessa em nome do “eu ideal” (narcisismo), a imagem de si mesmo como alguém “especial”, “escolhido”, algo fortemente marcado no discurso dos abusadores. “Com a promessa de que conquistariam sua felicidade no encontro romântico, e encarregadas historicamente de lutar e zelar pelo ‘amor verdadeiro’, as mulheres são as que mais sofrem com o fardo dessa idealização.” (Magalhães, Zanello e Ferreira, 2023, p.17)

4 CULTURA ATUAL, NARCISISMO E APAGAMENTO DO "OUTRO"

Na atualidade, a ideia de independência e felicidade individual vem ganhando cada vez mais espaço na sociedade e, com ela, são aquecidos nossos ideais narcísicos de completude. O narcisismo para a Psicanálise, longe de ser uma “doença” ou desvio moral, é uma configuração básica da subjetivação e está presente em todas as relações, de modo especialmente mortífero nas chamadas relações tóxicas, uma vez que nos relacionamos com o outro desconhecendo a experiência efetiva da alteridade, tomando-o como um “espelho”. Segundo Costa e Leite (2018, p.144-145) “o sujeito submete-se a empreitada de sustentar-se na ilusão de ser objeto de amor ideal que suturará a falta do Outro, o que no fundo se trata, de uma tentativa narcísica de suturar a sua própria falta.”

De acordo com os autores o “laço que chamamos amor, parece assim dizer de uma operação – que se dá por meio da relação com o outro – que almeja o restabelecimento do narcisismo original, da condição imaginária de perfeita satisfação do sujeito.” (idem) Desde a modernidade, estendendo-se pela contemporaneidade, há uma forte “pressão” para que as pessoas estejam em relacionamentos românticos, ou não estarão “completas de verdade”, imaginário fomentado por diferentes discursos e dispositivos da cultura que nos leva a buscar a “pessoa ideal”, em geral tomada como complemento daquilo que nos falta.

Dentre as diversas formas de amor, o amor romântico é definido como ponto central desde a infância, a ideia de um “príncipe/princesa encantado/a” é socialmente implantada na cabeça dos indivíduos desde os primórdios, fazendo-os procurar uma/o parceira/o ideal. E mesmo que ele não seja ideal no início, há uma sempre renovada esperança de que poderíamos mudar a pessoa e torná-la melhor, à semelhança do ideal imaginário. As relações, sejam românticas ou não, são guiadas por nossas experiências, especialmente as de infância, momento no qual constituímos nossos padrões de enlace e vinculação tendendo a serem repetidos vida afora.

Atualmente, há uma procura por um amor que remete aos “amores” e relações da infância, além de uma procura por alguém parecido conosco, algo inatingível, visto que ninguém é completamente igual. O amor romântico acaba tornando-se algo central na vida das pessoas atualmente, pois com as diversas

demandas da vida, as pessoas acabam por colocar o parceiro como principal vínculo, visto que os amigos, a família e os próprios laços comunitários perdem força como rede de proteção e mútuo cuidado. Essa é a operação bastante conhecida histórica e socialmente desempenhada pelo amor romântico.

Esse amor, também chamado de amor romântico, surge na história da humanidade como um produto cultural do retraimento do homem comum da malha social mais ampla. Em visão panorâmica, o amor romântico aparece como fenômeno social, junto com o individualismo, no conjunto de estratégias de organização da sociedade capitalista (Foucault, 1986). No espaço individual da produção da subjetividade, os processos do amor tornam-se fundamentais para a formação e manutenção da identidade. (RIOS, 2008, p.421)

O parceiro torna-se a pessoa mais próxima e conseqüentemente a mais importante na vida do indivíduo, empobrecendo-o psíquica e socialmente. Segundo Santos e Souza Jr. (2021, p.4) a “pessoa amada é agora dotada de peculiaridades, que a fazem especial e a concretização desse amor torna a vida plena, completa”.

Nesses arranjos marcados fortemente pelas demandas narcísicas, o que se apaga é a dimensão da alteridade, justamente aquela com a qual nos constituímos como sujeitos do desejo, condição do próprio processo de subjetivação. De acordo com Do Rosário (2019, p.7) “A importância da alteridade é condição de possibilidade de constituição subjetiva, já que o psiquismo está fadado a se constituir e a existir na relação com o outro.”

O que parece ser amor acaba por tornar-se uma obsessão ou mesmo abuso, uma vez que o indivíduo usa o outro não em sua dimensão de alteridade, mas para alívio da angústia que lhe causa saber-se só e faltante, sujeito do próprio desejo e responsável por ele. Quando o outro indivíduo é apenas usado para algo, ele não é visto nem sentido como uma alteridade, mas apenas como algo, objetificado, e isso torna bastante provável a emergência de formas de violência e desrespeito. “Ao não reconhecer o outro em sua diferença, as formas de desrespeito tornam-se uma possibilidade plausível.” (Do Rosário, 2019, p.5). Portanto, dificilmente em uma relação dessa natureza há igualdade entre as partes, um “manda” no outro, domina-o, de forma direta ou indireta, seja psicologicamente ou mesmo fisicamente, por meio de insultos, restrições e até mesmo ameaças ou agressões, assim enfraquecendo os laços das relações. “Assim, do ponto de vista sociológico, as alterações sociais, culturais, econômicas ocasionadas pelo

incremento do individualismo podem ser observadas na fragilidade dos laços sociais e no recrudescimento da intolerância do contato alteritário. (idem)

Normalmente, as relações abusivas “envolvem uma dinâmica relacional em que a violência física, psicológica, sexual e/ou patrimonial se fazem presentes entre os parceiros, além de algumas características como o controle de um parceiro agressor, o ciúme excessivo e a dependência emocional.” (Rodrigues e Boni Jr., 2023, p.4)

Na cultura atual, fortemente caracterizada pelo narcisismo, os relacionamentos ditos amorosos estão frequentemente marcados pelo apagamento do outro em sua dimensão de alteridade e diferença. O “outro” como espelho do si mesmo “serve” apenas enquanto serve ao espelhamento do eu ideal, sendo alvo de ataque ou descartado quando se “atreve” a existir por si mesmo ou marcar sua diferença enquanto sujeito do próprio desejo.

5 RELAÇÕES DE DEPENDÊNCIA E SUBMISSÃO NA CULTURA DO NARCISISMO

A ideia de independência está associada a precisar cada vez menos do outro, apesar de que isso é exatamente o oposto que ocorre na maioria das relações, especialmente nas ditas “tóxicas”, já que o outro é usado para acalmar a angústia decorrente de um mal-estar significado como “vazio”, mesmo que este vazio, estrutural que é, nunca venha a ser preenchido. Nas palavras de Do Rosário (2019, p.3):

A ideia de independência está associada a um indivíduo autossuficiente, que não depende (ou crê não depender) de ninguém. Desse modo, a independência implica precisar cada vez menos do outro. Assim, o individualismo moderno, com a afirmação do indivíduo como princípio e valor, permite a transformação das ideias contidas no conceito de autonomia, que passa a corresponder ao de independência.

Muitas vezes uma relação tóxica ou abusiva pode se iniciar como uma “boa relação”, regada de “amor” e afeto, para depois tornar-se algo doloroso do qual dificilmente consegue-se escapar. É comum que abusadores iniciem as relações sendo dóceis, de forma a cativar a vítima de maneira que, quando os abusos

começam, serão facilmente perdoados. Como em um ciclo, o abusador primeiro mostra-se alguém confiável, dócil, amoroso, para depois mostrar sua verdadeira face, onde agride verbalmente, psicologicamente e/ou fisicamente o/a parceiro/a, para depois mostrar-se arrependido, fazendo mil promessas de mudança, as quais são acatadas pois a vítima lembra dos primeiros momentos, aqueles em que a relação ainda estava no momento “conto de fadas”, e resolve perdoar, talvez por não querer jogar fora tudo aquilo que foi construído ou mesmo por medo de ficar sozinha. O temor da perda é responsável pela organização dos laços sociais, criação de Eros (pulsão de vida). De acordo com Rodrigues e Boni Jr. (2023):

Utiliza-se o termo ab-usivo partindo do pressuposto de que há algo de um mecanismo inconsciente, um afeto, algo que afeta, que diz sobre a permanência e a repetição desses sujeitos que vivenciam tal dinâmica relacional, algo de ordem inconsciente que atua e se atualiza em tais dinâmicas, o que justifica a inadequação da utilização do termo “vítima” no discurso psicanalítico ao se referir aos sujeitos que sofrem algum tipo de violência nas par-serias amorosas.

Do ponto de vista psíquico, não se pode reduzir a uma simples oposição algoz x vítima, já que, no final, trata-se de uma “troca”, onde um quer controlar e o outro quer se sentir “protegido” ou se sente com medo de encarar sua própria vida sem o outro, que sequer o vê como pessoa individual e como sujeito, além de ter tendência a repetir coisas pelas quais já passou.

A romantização do amor pode culminar em relacionamentos abusivos, uma vez que a pessoa que romantiza está disposta a encarar qualquer coisa pelo prazer (ou alívio) de ter alguém que irá completá-la, mesmo que este alguém não seja o ideal, pois podem, imaginária e onipotentemente, torná-lo ideal. Além disso, há a forte ideia de que devemos aceitar as pessoas como elas são, incluindo suas falhas, porém essas falhas muitas vezes são sinais de abuso que não devem ser ignorados. De acordo com Rodrigues e Boni Jr. (2023, p.5):

Muitos sujeitos vivenciam par-serias amorosas marcadas pela violência, repetem o histórico de relações ab-usivas com companheiros diferentes, mesmo diante de humilhações, agressões e ameaças, afirmam estarem sofrendo em consequência dessa dinâmica relacional, porém não conseguem se desvencilhar delas.

Enquanto isso, muitas vezes, o outro romantiza essas ações de dominação e controle perverso, pensando que são formas de proteção e “cuidado”, tornando-se assim submisso aos abusos. Mesmo quando reconhece as ações como abusivas, por vezes está tão imerso no relacionamento ou com medo da solidão (ou do parceiro) que não busca ajuda ou não consegue desfazer o nó cego que apertou. Segundo Capanema (2020, p.10) “existe uma romantização profunda das relações amorosas, provocada por um intenso medo da solidão, onde a troca de afeto gera a criação de um vínculo forte o bastante a ponto de tornar-se capaz de sucumbir todo o sentido de existência de um ser.”

Muitas vezes esse amor é uma busca para preencher um vazio que, para algumas pessoas é insuportável, de forma que pode se tornar patológico, fazendo com que se submetam a situações desagradáveis e até mesmo abusivas. Retomo aqui a referência feita na Introdução a “Bebê Rena”, onde o personagem se submete a diversas situações pois a personagem que o persegue o vê da forma que ele gostaria de ser visto (com os traços que ele secretamente desejava ter, traços esses definidos pelo ideal de masculinidade construído pela sociedade: forte, viril, protetor). O personagem aceita isso pois Marta “preenche” seu vazio, devolvendo a ele, imaginariamente, sua condição narcísica de “eu ideal”. De acordo com Moreira (2009) o “eu ideal refere-se ao narcisismo primário, em que teremos o primeiro investimento sexual em uma “unidade”. [...] na constituição do eu ideal está implicada a presença constitutiva do outro; mas este se encontra reduzido em sua densidade alteritária, pois é visto como um reflexo do eu.”

Quando os indivíduos não constroem estratégias simbólicas de enfrentar o mal-estar e o vivem como “vazio”, tentam muitas vezes preenchê-lo de muitas maneiras, sobretudo com atos compulsivos, que envolvem, ao mesmo tempo, a “descarga” de tensão pulsional sem mediação simbólica, e a fantasia onipotente de possuir o domínio sobre suas formas de gozar. Nas palavras de Souza e Volpi (2023, p.2): “A compulsão – por alimento, por estética, por sucesso, por compras, por sexo, por drogas, etc. – nasce da necessidade ansiosa de se preencher, mesmo que ilusoriamente, e de anestesiar a dor interior” inevitável à condição humana.

De acordo com Rios (2008, p.3) a “figura do excesso do eu surge do fracasso das grandes narrativas ideológicas que davam sentido ao coletivo humano. Na sua falta, faz-se necessário a produção individual de sentido para a existência.”

As pessoas que se prendem a outras pessoas sentem que não podem existir sem elas, são tomadas por angústias de aniquilamento, e dominadas por elas recusam o contato com a exterioridade, a diferença, a alteridade, tornando ainda mais difícil a constituição de mecanismos simbólicos capazes de fazer frente ao mal-estar. Nas palavras de Rios (2008, p.4) “o ‘eu’ não é um produto pronto e acabado na saída da primeira infância. O ‘eu’ passa a vida se fazendo e refazendo nas relações com o mundo. A falta de relações intersubjetivas autênticas impossibilita experiências de vida que são imprescindíveis para subjetivação”.

Consequentemente, os “amantes” intoxicados de demandas das narcísicas acabam por causar dor e sofrimento não apenas a si mesmos, mas também ao seu “alvo”, ou seja, ao indivíduo pelo qual estão atualmente “obcecadas”. Segundo Rios (2008, p.3):

Na falta de referências culturais que legitimem a experiência com o outro, enquanto diferente e desejável, o ‘eu’ tem a si mesmo como objeto de amor e de sustentação da sua identidade [...] vivemos em um mundo onde o encontro amoroso fracassa antes mesmo de se insinuar como tal porque as relações intersubjetivas estão em ruínas.

Muitos são os casos de violência que surgem dessa premissa, seja violência psicológica ou física, por exemplo os diversos casos de feminicídio que ocorrem no país. É necessário olhar para as experiências de infância e para os arranjos culturais e sociais para compreender as dinâmicas dessas relações e as ações das pessoas nelas envolvidas.

Para serem criadas relações menos nocivas é necessário favorecer os processos de subjetivação, o que do ponto de vista psicanalítico envolve a passagem do narcisismo ao “amor de objeto”, a inscrição do Outro em nós não apenas como imaginário de completude e satisfação total, mas como símbolo daquilo que nos falta e, por isso mesmo, precisa ser buscado ativamente como sujeitos do desejo. Quando isso não ocorre pode acarretar as chamadas “relações tóxicas” ou “ab-usivas”, onde a busca obsessiva pelo “outro” não passa de uma manifestação de demanda narcísica, sem reconhecimento nem travessia efetiva da alteridade. O outro não é visto como outro em sua diferença, mas como algo que deve desempenhar o papel de espelhar meus ideais e fomentar minhas fantasias infantis de onipotência. A adição, dependência e submissão a pessoas na verdade é

adição, dependência e submissão ao próprio narcisismo, num fechamento para o mundo, a alteridade e a diferença. Nessas “relações tóxicas” o que menos importa é o Outro, portanto nem chegam a ser “relações” propriamente ditas, são jogos de espelhamento, um acoplamento de dois psiquismos extremamente frágeis e narcísicos tentando, onipotentemente, submeter o outro à sua imagem e semelhança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quais características típicas da cultura contemporânea estariam associadas ao fenômeno das chamadas “relações tóxicas” e de “adição a pessoas” no campo amoroso, e como tais características impactam os processos de subjetivação? Esse foi o problema de pesquisa que orientou esse ensaio até aqui. Buscamos compreender os impactos da cultura contemporânea sobre os processos de subjetivação, a partir das chamadas “relações tóxicas” no campo amoroso enquanto um fenômeno típico da atualidade.

Seja pela pressão social ou pela solidão, atualmente há uma grande procura pelo amor romântico essa procura pode acarretar relações tóxicas, uma vez que muitas vezes não procuramos pelo outro para vê-lo como Outro, mas para suprir nossas necessidades e para trabalhar em prol de nosso narcisismo. O que parece amor pode ser uma adição, obsessão e tornar-se até mesmo uma relação abusiva, ou melhor, ab-uso, pois nesses casos não há sequer uma “relação”, propriamente.

O outro é usado para atenuar o mal-estar, estrutural e constitutivo da condição humana, vivendo esse mal-estar como “vazio” a ser preenchido pelas imagens de um “eu ideal” irremediavelmente perdido. Uma “relação” assim pode facilmente transformar-se em algo abusivo e violento, porque está caracterizada pela negação da alteridade, pelo não reconhecimento do outro como sujeito do desejo. Enquanto isso, há pessoas que romantizam as dinâmicas de tais relações, vendo tais atos de abuso como formas de “cuidado” (a constante vigilância, o ciúme excessivo, o controle perverso, o patrulhamento de pensamentos e fantasias etc.), não percebendo o quão prejudicial isso pode ser.

Na contemporaneidade, apesar dos ideais de independência e autonomia vendidos largamente, a autonomia se contradiz e inviabiliza, uma vez que as buscas

românticas só aumentam, mesmo disfarçadas de liberdade de escolha e liberdade de gozar. As características de uma cultura que intensifica cada vez mais a aceleração e a fragmentação social levam a arranjos psíquicos e relacionais que dificultam a abertura à alteridade, à diferença e, em última análise, ao próprio mundo. Há uma forte tendência ao fechamento “em si”, o que fica disfarçado pela busca compulsiva e desenfreada por “alguém” que complete, atenda e corresponda aos anseios de uma “imagem de amor”, o que resulta na maioria das vezes em desfechos de abuso e violência.

O estudo dos artigos e a construção argumentativa do ensaio sustentam que as chamadas relações tóxicas se constituem como padrões de dependência e submissão, nos quais a subjetivação fica comprometida, dando lugar às experiências de vazio como fontes insuportáveis de angústia. O suposto “amor”, imaginário e idealizado, surge como expressão das exigências narcísicas resultando em violência e apagamento da alteridade.

Será possível inventar outras formas de amor, menos tristes? Se sim, de que amor estaríamos falando? Paulinho Moska (2001), com sua poética musical, talvez nos dê pistas do amor-por-vir...

Não falo do amor romântico,
 Aquelas paixões meladas de tristeza e sofrimento.
 Relações de dependência e submissão, paixões tristes.
 Algumas pessoas confundem isso com amor.
 Chamam de amor esse querer escravo,
 E pensam que o amor é alguma coisa
 Que pode ser definida, explicada, entendida, julgada.
 Pensam que o amor já estava pronto, formatado, inteiro,
 Antes de ser experimentado.
 Mas é exatamente o oposto, para mim, que o amor manifesta.
 A virtude do amor é sua capacidade potencial de ser construído, inventado e modificado.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor, “**O ensaio como forma**” (p. 15-45). In: Adorno, W. T., Notas de Literatura I. Tradução de Jorge de Almeida, Editora 34, Coleção Espírito Crítico, 2003.
- ALVES, Fabíola Macedo; DO ROSÁRIO CAMPISTA, Valesca. A posição feminina nas relações amorosas abusivas: Contribuições da psicanálise. **Conhecendo Online**, v. 8, n. 1, p. 22-42, 2022.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- CAPANEMA, Ana Eliza Silva. **Psicologia e literatura na transição do amor ideal em um relacionamento tóxico**. Trabalho de Conclusão de Curso, Unifasipe, 2020.
- CORDEIRO, Luana Macedo. Amor romântico e relacionamento amoroso em perspectiva: processos formativos construídos com mulheres da Universidade de Brasília em oficinas de extensão. 2023.
- COSTA, Josiane Santos; LEITE, Marco Correa. Do nó ao laço: um estudo sobre o amor na psicanálise. **Revista Terra & Cultura: Cadernos de Ensino e Pesquisa**, v. 34, n. esp., p. 138-153, 2019.
- DE OLIVEIRA MOREIRA, Jacqueline. Revisitando o conceito de eu em Freud: da identidade à alteridade. **Estudos e pesquisas em psicologia**, v. 9, n. 1, p. 233-247, 2009.
- DE OLIVEIRA MOREIRA, Jacqueline. Revisitando o conceito de eu em Freud: da identidade à alteridade. **Estudos e pesquisas em psicologia**, v. 9, n. 1, p. 233-247, 2009.
- DO ROSÁRIO, Angela Bucciano. Individualismo contemporâneo e novos arranjos subjetivos na perspectiva da Psicanálise. **Analytica: Revista de Psicanálise**, v. 8, n. 14, p. 1-15, 2019.
- FERREIRA, Filipe Martins; DE OLIVEIRA, Conrado Pável. O movimento feminista e a crise da masculinidade: Reflexões a partir da psicologia política. **Cadernos de psicologia**, v. 1, n. 2, 2020.
- FONSECA, Maria Carolina Bellico. União e destruição: duas faces do amor. **Reverso**, v. 34, n. 64, p. 63-68, 2014.
- FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização [1930] . In: **Cultura, Sociedade, Religião: O mal-estar na cultura e outros escritos**. (Obras incompletas de Sigmund Freud). Belo Horizonte: Autêntica editora, 2020, p. 305-405.
- KÜNSCH, Dimas A.; CARRARO, Renata. Comunicação e pensamento compreensivo: o ensaio como forma de expressão do conhecimento científico. **Líbero**, n. 29, p. 33-42, 2016.

MAGLHÃES, Bruna Maia; ZANELLO, Valeska; FERREIRA, Iara Flor Richwin. Afetos e emocionalidades em mulheres que sofreram violência por parceiro íntimo. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, v. 25, n. 3, p. ePTPCP15159-ePTPCP15159, 2023.

MARTINS, Victor Hugo Silva et al. Relações abusivas e a romantização literária. **Caderno de Graduação-Ciências Humanas e Sociais-UNIT-ALAGOAS**, v. 7, n. 2, p. 103-103, 2022.

MOSKA, Paulinho. Do amor, na faixa Vênus. In: **Eu falso da minha vida o que eu quiser**. Álbum, 2001.

NIGRO, Isabella Silva; BARACAT, Juliana. Masculinidade: preciosa como diamante, frágil como cristal. **Revista Científica Eletrônica de Psicologia**, v. 30, n. 1, p. 4-19, 2018.

NOYAMA, Samon. Adorno e “O ensaio como forma”. **Ítaca Revista do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFOP**, 2009.

RIOS, Izabel Cristina. O amor nos tempos de Narciso. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 12, p. 421-426, 2008.

RODRIGUES, Caroline Barros; BONI JR, Jonas O. Relacionamentos abusivos. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 26, p. e230416, 2023.

SANTOS, Amanda; SANCHOTENE, Nicole; VAZ, Paulo. A invenção do relacionamento abusivo: sofrimento e sentido nas relações amorosas ontem e hoje. **Líbero**, n. 44, p. 122-135, 2019.

SANTOS, Andréa Marçal; SOUZA JR., João Camilo. **Amor e sofrimento: um enfoque na dependência afetiva**. Trabalho de Conclusão de Curso. Centro Universitário Unifucamp, 2021.

SOUZA, Kássia; VOLPI, Sandra Mara. **A depressão e a compulsão na modernidade líquida: um olhar da psicologia corporal sobre psicopatologias da oralidade e perspectivas na era da inteligência artificial**. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara. 26º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Anais. Curitiba: Centro Reichiano, 2023. [ISBN – 000-00-00000-00- 0]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos>. Acesso em: 27 nov. 2024.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein (São Paulo)**, v. 8, p. 102-106, 2010.

SOUZA, Nívia; COSTA, Karine. Fatores que levam as mulheres a permanecerem em relacionamentos abusivos: Entendendo subjetividades subjogadas. **Faculdade Ciências da Vida**, 2019.